

I. Introdução

No livro *A cultura do plural*, publicado em 1993¹, o historiador e antropólogo Michel de Certeau inicia a segunda parte da obra, intitulada “Novos marginalismos”, com o seguinte depoimento:

A universidade deve solucionar atualmente um problema para o qual sua tradição não a preparou: a relação entre cultura e a massificação de seu recrutamento. A conjuntura requer que ela produza uma cultura de massa.

As instituições quebram-se sob esse peso demasiadamente grande, igualmente incapazes (sejam quais forem os seus motivos) de responder à demanda que leva às suas portas o fluxo incessante dos candidatos e à dos estudantes cuja mentalidade e cujo futuro são estranhos aos objetivos presentes do ensino. Sob esse duplo choque, a universidade fragmenta-se em tendências contrárias. Uma procura proteger-se da onda fortificando os muros pela seleção da admissão e radicalizando interiormente as “exigências” de cada disciplina por um controle mais rigoroso. Essa política do “não nos renderemos” visa defender a honra e os direitos da ciência estabelecida. Outros deixam a massa dos estudantes calcar sob os pés as guardas dos canteiros da tradição; eles se apóiam na “mistura” e na discussão para elaborar uma linguagem cultural nova. Há muito tempo essa política do diálogo, pelas incertezas e balbucios em que ela muitas vezes resulta, foi reduzida a ilhas acusadas de negligência, de ideologização e de incompetência. Os seus “produtos” são marcados e tratados convenientemente. Em um caso como no outro, são, por outro lado, os estudantes que pagam a conta, destinados ao matadouro do exame ou ao desemprego em virtude da falta de qualificação técnica.²

Passados mais de dez anos da publicação do texto de Certeau, creio que os embates das duas tendências contrárias referidas pelo autor ainda persistem nas instituições acadêmicas espalhadas pelo mundo. Talvez não com a mesma intensidade de uma década atrás, mas os ecos deste conflito ainda podem ser ouvidos em vários lugares com mais ou menos vigor. Não me deterei aqui neste embate em si. Preocupa-me muito mais uma postura ativa (no sentido nietzscheano da palavra) diante dele. Para mim, é muito mais interessante destacar o motivo pelo qual ele vem sendo amenizado. E a razão do conflito ter se tornado mais brando já está explicitado no depoimento acima: a massificação do recrutamento de novos acadêmicos. Ou melhor, a crescente massificação deste recrutamento. Se no começo dos anos 1990 tal fato já seria suficiente para problematizar o modelo do ensino universitário, nos dias que correm ele sacode as estruturas do ensino superior com uma força ainda maior. Creio que um bom número de universidades vem se esforçando para responder às novas

¹ No Brasil sua tradução foi publicada no ano de 1995.

² CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*, págs 101 e 102.

demandas de seus novos recrutados. E isso mesmo em países onde o acesso às universidades não se dá de forma efetivamente democrática, como no caso do Brasil.

Abro esta introdução trazendo o assunto exposto por Certeau com o interesse de me colocar e de abrir caminhos para esta tese. Sou um “recrutado da massa”. E como tal, calço “sob os pés as guardas dos canteiros da tradição”, apoiando-me “na ‘mistura’ e na discussão para elaborar uma linguagem cultural nova”. Se minha mentalidade e meu futuro (que não julgo como meus, frutos de uma autoria isolada) serão estranhos aos objetivos presentes do ensino, só o tempo poderá dizer. Abro meu caminho.

Para seguir, no entanto, preciso retomar a afirmação do último parágrafo: “Sou um ‘recrutado da massa’”. Tenho absoluta consciência que as escolhas de minhas investigações refletem meu percurso de vida, minha formação (ou “falta de”, para os modelos mais tradicionais ocidentais) e vários outros fatores determinantes do pensamento. Não farei desta tese uma autobiografia, por mais que ela carregue (e deva carregar) uma boa dose disso. Mas, não resta dúvida que ter nascido e sido criado numa cidade do Nordeste – “elaboração regional mais sofisticada do país”³ - e ter vivido intensamente a década de 1990 pernambucana – desmonte (ou reinvenção constante) desta elaboração - foram condições cruciais para os temas aqui desenvolvidos.

Acabo de me “territorializar” em duas frentes: “recrutado da massa” e nordestino. Com elas, identifico-me. Mas, como definiria qualquer uma dessas duas características que me atribuo? Ou melhor, o que pretendo dizer – ou potencializar - com minhas definições? Não responderei agora a estas questões – espero respondê-las no corpo deste trabalho -, aproveito-as apenas para expor o seu tema basilar: uma discussão sobre identidade.

No panorama cultural contemporâneo, a investigação da questão da(s) identidade(s) tem nos afastado de qualquer concepção essencialista ou fixa do termo. Estamos, como já disse o crítico jamaicano Stuart Hall, cada vez mais distantes de pensar a identidade como “algo que, desde o Iluminismo, se supõe definir o próprio núcleo ou essência de nosso ser e fundamentar nossa existência como sujeitos

³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 306.

humanos”⁴. Isto porque as identidades (religiosas, nacionais, regionais etc.) “não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*”⁵.

Dentre os fatores que influenciaram nesta mudança de abordagem em relação à concepção da identidade, o controverso termo “globalização” tem sido o mais poderoso deles. No final do século XX, a palavra caracterizou o engendramento de novas combinações de espaço-tempo (outra compreensão das distâncias e das escalas temporais) que foi possibilitado pelo fluxo inédito de conexões entre comunidades (países, tribos, regiões etc.), seja através da transnacionalização e desregulação do mercado mundial, seja pela imigração ou ainda pela revolução tecnológica e popularização da Internet. Este novo fluxo de conexões comunitárias trouxe tanto uma maior consciência de pertencimento identitário (local, religioso, cultural etc.), como abriu um trânsito e disponibilizou um acervo informacional jamais ocorrido na história do homem. Não há dúvidas que estes fatos desencadeados pela globalização recente levaram a problematização da questão da identidade, possibilitando sua compreensão como elaboração, como construto humano, no lugar das perspectivas que a tomavam como algo integral, originário e unificado. Mediante este novo olhar, pensar a questão da identidade nos dias que correm, portanto, é atentar para a reelaboração contínua dos discursos. Neste sentido, o mesmo Stuart Hall coloca em outro texto:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.⁶

É tomando este princípio de pensar a identidade como resultado de processos de expressão humana, como construção discursiva e performativa de diferentes grupos, que este trabalho se propõe a analisar um tema específico: o regionalismo no

⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, pág. 10.

⁵ *Ibid.*, pág. 48 (itálico do autor).

⁶ *Id.*, *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*, pág. 109.

Nordeste. Seu intuito é investigar a construção histórica do regionalismo desenvolvido no/para o Nordeste e mostrar como uma outra perspectiva em relação discurso regionalista foi e vem sendo forjada na região, tendo como centro irradiador a cidade do Recife na última década do século XX.

Para tal empreitada, tomo como pontas desta rede textual, tecida com várias referências e caminhos, duas produções culturais que serão fundamentais para a estruturação deste trabalho. A primeira é o livro *A invenção do Nordeste e outras artes*, obra de Durval Muniz de Albuquerque Jr., Doutor em História pela Universidade de Campinas (UNICAMP); a segunda – e objeto principal desta tese – é a crônica produzida nos seis anos de existência no ciberespaço do sítio *O Carapuzeiro*.

Antes, porém, de chegar nestas duas produções, no segundo capítulo, intitulado *Literatura, Estudos Culturais, cultura(s) e mídias*, discuto alguns temas que servem como um mapeamento das diretrizes teóricas deste trabalho. Dividido em seis tópicos, o capítulo faz inicialmente um percurso pelos estudos literários, das primeiras correntes críticas até os chamados Estudos Culturais, com o intuito de aproximar mais *O Carapuzeiro* de uma crítica cultural do que de uma análise mais restrita ao campo exclusivo da literatura. Ainda neste capítulo abordo o conceito gramsciano de hegemonia, mostrando, através dos próprios Estudos Culturais, como as idéias do pensador italiano Antonio Gramsci podem ser utilizadas no ambiente da cultura contemporânea. Trago a trajetória semântica do termo “cultura” até a democrática perspectiva da “cultura comum”, conceito desenvolvido pelo crítico inglês Raymond Williams. Discuto também o conceito de “cultura popular”, tomando a idéia da “dialética da luta cultural” do já citado Stuart Hall como referência. E, por fim, traço o caminho que vai da cultura de massa a cibercultura, mostrando como as mudanças tecnológicas tiveram um impacto em relação a produção e ao consumo (e também na relação autor e público) ao longo da história das mídias.

No terceiro capítulo, chamado *sampleadamente* de “*A invenção do Nordeste*”, analiso os discursos no ambiente da arte e da cultura que deram visibilidade à região nordestina, através de um percurso que vai desde o seu surgimento enquanto idéia discursiva - nos finais do século XIX e começos do XX - até as produções do Cinema

Novo e do movimento Armorial realizadas na segunda metade do último século. Para isso, tomo como referência o livro mencionado *A invenção do Nordeste e outras artes*, obra que servirá de base e fonte para as análises das obras, artistas e movimentos que contribuiram marcadamente na constituição (e instituição) da região. O livro de Albuquerque Jr. faz um recorte bastante interessante no que diz respeito à formação e ao estabelecimento dos discursos regionalistas no Nordeste, dividindo-os em duas fases clássicas: a fundacional dos tradicionalistas, baseada na memória, na qual a região é pensada como o espaço da saudade de seu tempo glorioso - o tempo de ouro da sociedade patriarcal (principalmente a açucareira) - e como local de resistência da modernidade industrial representada pela região Sudeste; e a fase iniciada a partir dos anos trinta, mais ligada aos discursos de esquerda, na qual não se deseja mais uma volta ao passado, mas que elabora uma visão de Nordeste como a região da miséria e da injustiça social, vendo-a, portanto, como o local de uma possível transformação revolucionária da sociedade. Aparentemente divergentes, o que veremos é que ambas as fases consagram, ao eleger temas e imagens comuns, concepções de Nordeste muito próximas uma da outra, concepções marcadamente moderna, fixa, para as quais o elemento exótico - geográfico ou cultural - serve de orgulho e salvaguarda do território (fechado) e dos discursos interessados.

O livro de Durval de Albuquerque Jr. foi o resultado da publicação de sua tese de doutoramento em História defendida no ano de 1994 na UNICAMP. Dois anos depois de defendida, a tese foi premiada no Concurso Nelson Chaves de Teses sobre o Norte e Nordeste brasileiro, promovido pela Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), e, em 1999, ganhou impressão em livro através de uma parceria entre as editoras Cortez e Massangana (esta última ligada a fundação referida acima). Mediante todo levantamento bibliográfico que realizei para a composição desta tese, considero esta obra o mais importante trabalho escrito sobre o Nordeste (pelo menos nas áreas de arte e cultura) que foi publicado nas últimas décadas. Lamentavelmente, hoje ela está fora dos catálogos das editoras do país. Que este terceiro capítulo sirva de alguma forma para passar a diante seu conteúdo a novos leitores - a primeira epígrafe desta tese me inspira - e que também se apresente como gratidão por sua

contribuição na formação do meu conhecimento e da minha própria interpretação da região.

O quarto capítulo, *A crônica e O Carapuço*, está dividido em três tópicos. No primeiro analiso a crônica, localizando-a como gênero situado entre a literatura e o jornalismo, descrevendo sua história e suas particularidades. No segundo traço um percurso das fases da crônica no Brasil desde o antigo *O Carapuço*, jornal publicado exclusivamente no gênero que circulou na cidade do Recife na primeira metade do século XIX, até a produção dos nossos cronistas contemporâneos. No último, por fim, investigo o novo *O Carapuço*, página eletrônica (homônima ao referido periódico recifense) que circulou no ciberespaço entre os anos de 1998 e 2005, discorrendo sobre seus criadores, seus mecanismos e suas seções. *O Carapuço* foi o espaço midiático quase exclusivamente literário (*quase*, pois o periódico expunha ilustrações em alguns textos) representativo de uma geração que estava no bojo da fertilidade cultural da capital pernambucana, abalada - ou desconstruída - pelas pancadas dos tambores da Nação Zumbi e por toda “Cena Manguê”. Por esta razão, o tópico também faz uma descrição do ambiente cultural efervescente deflagrado nos anos 1990 na cidade do Recife, que se tornou, mediante suas implicações em torno dos binômios local/global, centro/periferia e tradição/(pós)modernidade, uma referência na discussão acerca da identidade nordestina.

O sítio servirá como ilustração deste novo olhar sobre a região, “alheio aos temores de uma homogeneização das culturas locais sob o manto unificador de um outro padrão cultural supostamente dominante”⁷. Um olhar lançado não mais pelas elites, mas sim pela lente popular (da periferia e da recente classe média nordestina de perfil mais cosmopolita, numa emergência de vozes que se dá concomitante e em conjunto ao próprio desenvolvimento dos Estudos Culturais no Brasil), sempre atenta e sensível às trocas culturais que vêm sendo estabelecidas pelos novos fluxos culturais da atual globalização que, por sua vez, possibilitam formas específicas de reação e integração em relação aos centros hegemônicos.

⁷ ANJOS, Moacir dos. *Local/global: arte em trânsito*, pág. 59.

O quinto capítulo, intitulado *O cosmopolitismo do pobre nas crônicas d'O Carapuceiro*, também se divide em três tópicos. Inicialmente levanto questões acerca do peso sobre as identidades da intensificação da globalização nas últimas décadas, principal fator responsável pelo multiculturalismo do mundo contemporâneo. Em seguida, comento o conceito de “cosmopolitismo do pobre”, desenvolvido pelo crítico Silviano Santiago, tomando o Manguê como sua ilustração através de um comentário do crítico e curador Moacir dos Anjos contido no seu livro *Local/global: arte em trânsito*, trabalho também de grande importância para esta tese. No último tópico apresento algumas crônicas d'O *Carapuceiro*, analisando-as de acordo com suas características consideradas (no capítulo anterior) como relevantes no debate em torno da identidade nordestina, tais como o seu caráter híbrido, exposto na sua disposição ao diálogo com aspectos e informações culturais exógenos ao Nordeste, e a sua postura crítica diante das tradições locais (em suas várias instâncias: histórica, política e artístico-cultural) e dos discursos e/ou interpretações estigmatizadas construídas sobre a região.

Na conclusão, retomo em quatro pontos alguns assuntos que foram abordados ao longo do trabalho - como mídias e novas tecnologias de informação, cultura popular, democratização da cultura e do conhecimento, hibridismo, hegemonia e subalternidade, entre outros -, procurando relacioná-los com *O Carapuceiro*, a fim de apontar e destacar seu papel e importância na discussão que diz respeito ao regionalismo nordestino.